

# A aproximação contrastiva ao Espanhol nas *Taboas* de José Vicente Gomes de Moura: a teoria sintáctica subjacente

Sónia Duarte

Mestranda na Universidade de Évora

## 1. Contextualização

Como é do conhecimento geral, no século XIX, o estudo das línguas modernas beneficia de um contexto económico-social em que se intensifica a necessidade de comunicação entre países, e beneficia igualmente de um contexto cultural marcado pelo desenvolvimento de diferentes correntes linguísticas (Sánchez Pérez, 1992: 193), entre as quais importa aqui destacar a gramática comparada, pelo conseqüente favorecimento dos estudos contrastivos.

A esta luz, as *Taboas de Declinação e Conjugação para aprender as Línguas Hespanhola, Italiana e Francesa comparando-as com a Portuguesa* (Coimbra 1821)<sup>1</sup> de José Vicente Gomes de Moura (1769-1854<sup>2</sup>), como acontece com outros materiais para aprendizagem de línguas estrangeiras, apresentam-se em sintonia com o seu tempo, dando resposta às necessidades plurilinguísticas do mesmo e assimilando as propostas teóricas e metodológicas que o configuram.

A obra em estudo é, no entanto, uma obra singular no conjunto da bibliografia do autor e ainda no âmbito da produção gramaticográfica nacional. No primeiro caso, tal deve-se ao facto de se desviar da investigação das línguas clássicas, matéria a que se encontra dedicada a parte mais numerosa e mais conhecida da obra de Gomes de Moura. No segundo caso, a singularidade do texto reside na abordagem contrastiva relativamente à língua espanhola, com a qual, como noutro lugar se sublinhou (Ponce de León & Duarte, no prelo), a gramaticografia portuguesa, por razões historicamente motivadas, manteve uma relação carente de normalidade. Tal explica em grande parte o panorama de extraordinária escassez que, até ao século XIX, caracteriza a produção de materiais para o estudo do Espanhol em Portugal e no qual se assumem como contributos isolados a *Porta de línguas* de Amaro de Robredo (Lisboa 1623), a *Prosodia in uocabularium trilingue latinum, lusitanicum et castellanum* de Bento Pereira (Lisboa 1634) e o *Diccionario castellano y portuguez* de Rafael Bluteau (Lisboa 1728).

---

<sup>1</sup> Foi consultado o exemplar localizado na Biblioteca Nacional de Espanha (BNE) com a cota 1/3026.

<sup>2</sup> Para mais informação sobre a biobibliografia do autor cf. Silva (2001[1858-1923]).

Sendo certo que é a Nicolau António Peixoto que se atribui (Ponce de León, 2005: 676-678; Álvarez, 2005: 45) o mérito de escrever a primeira gramática do Espanhol especificamente orientada para um público português – a *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Porto 1848) –, o texto de Gomes de Moura merece igualmente um lugar de relevo na história da produção de materiais gramaticográficos para o estudo do Espanhol em Portugal, não só pela lacuna que ajuda a colmatar, como também pela natureza da informação que encerra.

## 2. Apresentação sumária

Ao contrário do que o título pode sugerir, a obra em questão não se resume a um conjunto de quadros ou tabelas. A par com esse tipo de informação esquemática, o autor oferece valiosas notas e comentários nos quais sistematiza as regras aplicáveis às matérias tratadas, bem como as excepções às mesmas; discorre sobre a semelhança entre as línguas em confronto; chama a atenção para questões que suscitam dissenção entre os gramáticos; justifica opções metodológicas; dá notícia de evoluções históricas ou alude a divergências entre o uso e a norma.

Contudo, a natureza da obra e dos objectivos que esta se propõe determina a necessidade de restringir o espaço reservado à teorização gramatical:

Não entrarão no desenho deste opusculo, nem, supposta a brevidade delle, podião entrar as doutrinas necessarias para fallar as ditas tres linguas; prenda na verdade de grande ornamento, mas de menor utilidade aos Literatos, que estudão as linguas polidas com o fim principal de entenderem as obras dos Escriptores insignes. (Moura, 1821: 3)

Da finalidade prática da obra – o acesso a uma importante literatura redigida nas línguas em confronto – decorrem ainda outras opções metodológicas, que se traduzem, no plano didáctico, na prioridade dada ao desenvolvimento da competência de compreensão escrita por parte de um público instruído, entendendo-se por tal, em palavras do autor, “que tem sufficiente instrucção da Latina, ou dos principios geraes da Grammatica” (Moura, 1821: 3). Moura parte, portanto, de um pressuposto sobre a competência linguística dos destinatários da sua obra – matéria sobre a qual, enquanto professor de Latinidade, se pode permitir conjecturar –, recorrendo ao Latim, não como referência contrastiva explícita, mas como pré-requisito cujo domínio favorece o reconhecimento da analogia entre as línguas em estudo, possibilitando uma maior economia didáctica.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A prova dessa analogia e da intenção de a vincar é dada ao longo da obra, mas surge de forma particularmente explícita no apartado final intitulado *Exemplo da Correspondencia Material das Palavras* (Moura, 1821: 92), onde o autor apresenta a equivalência nas diferentes línguas de termos formalmente idênticos ou muito semelhantes como *constante* (Português), *constante* (Espanhol), *costante* (Italiano) e *constant* (Francês).

A obra encontra-se estruturada em duas partes: a primeira abre com a apresentação do alfabeto e notas de pronúncia, tratando seguidamente dos elementos declináveis – nomes, adjectivos, artigos, diminutivos, pronomes e superlativos, reservando ainda um espaço para o sistema de conjugação dos verbos regulares; os verbos irregulares integram a segunda parte da obra, juntamente com tábuas ilustrativas da aplicação em cada língua das regras expostas nos apartados anteriores, acompanhadas, por sua vez, de tábuas analíticas em que as expressões constituintes dos exemplos fornecidos se vêm reduzidas à sua forma regular.

### 3. Os exemplos em Espanhol e o seu quadro de referências

É precisamente sobre estes últimos apartados – em concreto sobre a *Taboa de Exemplos e phrases da língua Portugueza, Hespanhola e Franceza, entre si comparadas para exercicio das Regras antecedentes* (Moura, 1821: 72-77) – que incide o presente estudo, procurando, através da explicitação das regras de construção frásica aí contidas, oferecer um esboço da teoria sintáctica subjacente, que, em concordância com os princípios metodológicos anteriormente expostos, o autor se absteve de descrever, como explica na *Advertencia* final: “nos mesmos *Exemplos* se observará a *Construcção* das palavras, sobre a qual antes quizemos dar exemplos que regras, certos de que esta se aprenderá melhor pela observação reflectida dos AA, e pelos Diccionarios geraes e amplos de cada Lingua” (Moura, 1821: 91). Partindo desta observação, há que considerar, por um lado, as obras de referência que terão servido ao autor das *Taboas* (quer enquanto *corpus* de exemplos, quer enquanto modelo teórico) e, por outro, a delimitação conceptual do termo *construcção*.

É nesta mesma *Advertencia* – momento em que o autor encerra o seu trabalho fornecendo instruções para o manuseamento do seu livro e sugerindo obras de consulta complementar – que encontramos pistas bibliográficas explícitas. Estas revelam-se contudo extremamente escassas, particularmente no tocante à produção nacional para o estudo da língua espanhola, denunciando um panorama de grande precariedade, que o próprio autor reconhece: “da *Hespanhola*, não temos ainda nem Arte, nem Diccionario proprios, de que eu tenha noticia, excepto o Vocabulario das palavras *hespanholas* diversas das Portuguezas, que em seu grande Diccionario inserio *Raphael Bluteau*.” (Moura, 1821: 91). A esta indicação da *Tabla de palabras portuguezas, remotas de la lengua castellana* de Bluteau (Lisboa 1728), apenas acresce no texto a referência ao *Diccionario* da Real Academia Española (Madrid 1726), à versão abreviada deste (Madrid 1803) e a um conjunto de dicionários e vocabulários bilingues, por um lado, do par de línguas Espanhol-Francês – de Francisco Sobrino (Lião 1791) e de Claude Marie Gattel (Lião 1803) – e, por outro, do par Espanhol-Italiano – de Lorenzo Franciosini (Veneza 1763) –. Constituindo estas obras material lexicográfico, seleccionou-se, entre as gramáticas e tratados afins publicados no período que vai de meados do século XVIII até à publicação das *Taboas*, um conjunto de textos de diferente filiação teórica que, pela sua projecção ou circunstâncias de edição, possam ter funcionado como referentes para Moura e que permitam situá-lo na gramaticografia ibérica do seu tempo:

1796 [1771] – Real Academia Española: *Gramática de la Lengua Castellana*.<sup>4</sup>

1804 – Manuel Dias de Sousa: *Grammatica Portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres grammaticos conhecidos*.<sup>5</sup>

1807 – Jerónimo Soares Barbosa: *As duas linguas, ou grammatica philosophica da lingua portugueza comparada com a Latina*.<sup>6</sup>

1807 [1770] – António José dos Reis Lobato: *Arte da Grammatica da lingua Portugueza*.<sup>7</sup>

1818 – Juan Manuel Calleja: *Elementos de Gramática Castellana*.<sup>8</sup>

De entre estas obras, destaca-se a *Gramática* da Real Academia Española (*GRAE*) não só pelo impacto que a sua edição produziu na gramaticografia espanhola – quer autóctone, quer forânea<sup>9</sup> –, mas também pelo facto de haver indícios textuais de consulta directa ou indirecta da mesma, como se depreende do decalque de determinados exemplos, a que posteriormente se fará referência devidamente contextualizada.

Do próprio José Vicente Gomes de Moura, cabe ainda acrescentar a este *corpus* o *Compendio de grammatica latina e portugueza* (1829),<sup>10</sup> no qual se inclui um apartado de trinta e oito páginas intitulado *Appendix á Grammatica Portugueza*. Embora publicado depois da obra de que aqui se trata, este segundo trabalho permite-nos aceder a ideias linguísticas do autor que não aparecem suficientemente desenvolvidas nas *Taboas*, como é precisamente o caso do conceito de *sintaxe*.

#### 4. A teoria sintáctica: sintaxe e construção

No *Compendio* de Moura os dois conceitos distinguem-se claramente:

*Syntaxe* (ou Coordenação) é a parte da Grammatica, que ensina o uso, que se deve fazer das palavras, quando compõe as orações, e das orações, quando compõe o discurso. Este uso consiste no bom emprego assim das terminações, como das palavras *conjunctivas*. Differe propriamente da

<sup>4</sup> Foi consultado o exemplar localizado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a cota: PV(R)/147.

<sup>5</sup> Consultou-se exemplar conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL) com a cota L. 630 P.

<sup>6</sup> Foi consultado o exemplar da Biblioteca Pública Municipal do Porto (BMP) com a cota X<sup>3</sup>-10-111.

<sup>7</sup> O exemplar consultado é o que se conserva na BMP com a cota I-4-2.

<sup>8</sup> Foi consultada a edição electrónica de Gómez Asencio (2001).

<sup>9</sup> Álvarez (2005: 44-45) avalia a difusão da primeira edição da *GRAE* como o factor que, suprimindo a inexistência de um modelo normativo de que se servissem os gramáticos portugueses, anula o hiato que, neste âmbito, precede a produção decimonónica lusa. Para melhor avaliar o relevo da *Gramática* da RAE no século XIX português, convém ainda ponderar a sua projecção sobre a própria didacticografia e gramaticografia portuguesas, questão para a qual também alertam Álvarez (2005: 44, n. 3) e Ponce de León (no prelo). Agradece-se ao autor a cedência de cópia do estudo a aguardar publicação, bem como a leitura atenta e comentários da versão de rascunho do presente trabalho.

<sup>10</sup> Foi consultado o exemplar conservado na BNL com a cota: I. 118 V.

*Construcção*, a qual é o lugar proprio, que as palavras e orações devem ocupar, para fazerem um sentido connexo e distincto. (1829: 144)

Num contexto em que os gramáticos ainda se dividem quanto à identificação / diferenciação entre *sintaxe* e *construção* (Gómez Asencio, 1981: 43-44), como se pode comprovar pela consulta das fontes seleccionadas, Moura afasta-se do posicionamento tradicional (o de identificação dos conceitos), em que se enquadram autores como Manuel Dias de Sousa, para se aproximar de autores que, como Jerónimo Soares Barbosa, distinguem claramente os dois conceitos.

Este arrançamento e ordem que deve haver entre as partes essenciaes de huma propozição. e entre as que lhe são subordinadas, he o que os Gramaticos chamão *Construcção*, porque o seu objectivo he de ensinar a construir, edificar e ordenar o edificio da expressão dos nossos pensamentos por meio das palavras. [...] Os mesmos Gramaticos considerão o objeto da Construcção diferente do da Sintaxe; mas ha entre estes dois objetos huma tão estreita conexão, que mal se podem separar; e por isso nesta Gramatica se tratão ambos debaixo de hum mesmo Artigo. (Sousa, 1804: 174-175)

*Syntaxe*, e *Construcção* são cousas differentes. *Syntaxe* quer dizer *Coordenação*, e chama-se assim esta parte da Grammatica, que ensina a fazer huma Oração das partes elementares do discurso, ordenando-as segundo as relações, ou de *Identidade*, e *Conveniencia*, ou de *Determinação*, e *Dependencia*, em que as suas ideias estão humas para as outras. A *Construcção* porem he a collocação, e ordem local das mesmas palavras, authorizada pelo uzo, a qual com a mesma *Syntaxe* pode ser, ou *Direita* ou *Invertida*. (Barbosa, 1807: 132)

As restantes gramáticas do *corpus*, sem entrarem neste debate, tratam, na esteira da tradição gramatical, a questão da colocação de palavras como uma das subdivisões da *syntaxe*, a par com a regência e concordância, também definidas por Moura no seu *Compendio*:

A *Syntaxe* é de *Concordancia*, ou de *Regencia*. A *Syntaxe* de *Concordancia* ensina a similhaça das terminações, correspondente á conveniencia das idéias, que se exprimem; como *Amicus certus*, o amigo certo. A *Syntaxe* de *Regencia* ensina o uso dos complementos, que as palavras podem ter em razão da sua significação; como *Amicus Regis*, amigo d'El Rei. (1829: 144)

Tendo em conta esta organização – em concordância e regência –, procurou-se reflecti-la na abordagem realizada nesta comunicação, seleccionando um exemplo entre os mais destacados de cada campo, e comentando ainda um aspecto do domínio estrito da construção, com igual relevo entre os ilustrados nas *Taboas*. Tal é o que se fará seguidamente.

#### 4.1. Construção

Dada a intencionalidade do tratamento das questões de construção, dar-se-á nesta exposição prioridade às mesmas, chamando a atenção para as diferenças registadas no plano da colocação dos clíticos pessoais átonos.

Regra geral: ênclise vs próclise	
Mandei-lhe, pedi-lhe, aconselhei-lhe que o não fizesse. (Moura, 1821: 75)	<i>Yo le mandé, le pedí, le aconsejé, que no lo hiciese.</i> (Moura, 1821: 75)
Com futuro e condicional: mesóclise vs próclise	
Se aprenderes a lição, sabe-la-has. (Moura, 1821: 73)	<i>Como aprendas la leccion, la sabrás.</i> (Moura, 1821: 73)
Se as riquezas houverão, ou houvessem podido faltar meus desejos, te-las-hia amado. (Moura, 1821: 73)	<i>Si las riquezas hubieran, ou hubiesen podido saciar mis deseos, las habría amado.</i> (Moura, 1821: 73)

Se, por um lado, a gramática portuguesa admite a existência de três possibilidades de colocação – ênclise, próclise e mesóclise – a aplicar segundo regras determinadas pelo contexto oracional, por outro, a gramática espanhola, nas mesmas condições, apenas admite as duas primeiras e aponta no sentido de uma maior frequência da solução proclítica, como se pode comprovar na *GRAE*, cuja teoria Moura e gramáticos ibéricos coevos, como Juan Manuel Calleja, seguem tão de perto que recorrem inclusivamente aos mesmos exemplos.<sup>11</sup>

Quando los pronombres personales son término de los verbos se usan en su construccion antepuestos ó pospuestos, y así se dice: *Me* amas: *te* aborrecen: *se* estiman: *le* veneran: *la* respetan: *los* temen: *me* duermo: *nos* quedamos. Y tambien: *amasme*: *aborrecenme*: *estimanse*, *veneranle*: *respetanla*: *temenlos*: *duermome*: *quedamonos*. Mas no se ha de tener el uso de esta construccion del pronombre con el verbo antepuesto ó pospuesto por tan constante, que se pueda decir indiferentemente en todas ocasiones: *me* aman, *me* aborrecen: *amanme*, *aborrecenme*. Siempre se puede usar de la primera, mas no siempre de la segunda. (*GRAE*, 1796: 341-342)

É, no entanto, de advertir que, apesar de tanto os exemplos de Moura, como as fontes espanholas no seu conjunto apontarem para a especificidade do mesoclítico

<sup>11</sup> É o caso do último exemplo do quadro anterior, que encontramos na *GRAE* com a seguinte formulação: “*Yo amara ó amaria las riquezas, si pudiesen saciar mis deseos*” (*GRAE*, 1796: 96).

português junto ao futuro do indicativo e condicional, a *Gramática* da RAE ainda regista vestígios de uma situação em desuso, descrita enquanto forma verbal complexa em que o mesoclítico se posiciona entre o verbo principal e o auxiliar *haber*, mas que, não obstante, revela semelhanças formais com a situação tratada.

Adviérta-se también, que el futuro de indicativo, y la segunda terminacion del pretérito imperfecto de subjuntivo, que hoy son tiempos simples, se usaron en lo antiguo como compuestos, como se vé en varios lugares de nuestras leyes, crónicas y escrituras antiguas. En las leyes de las Partidas se lee: Lo que *oistes* en poridad, *predicarlo hedes* sobre los tejados. En la Crónica General. Mientra que yo pueda, *facerlo he* así: En un privilegio de D. Fernando IV.: É yo librarlo *he*, como tuviese por bien. En el primer exemplo vale lo mismo *predicarlo hedes* ó *habedes*, que lo *predicareis*. En el segundo y tercero: *facerlo he* y *librarlo he*, es lo mismo que decir: *lo haré*, y *lo libraré*: y de todos tres se infiere la composicion del futuro imperfecto con el verbo personal, y el auxiliar *haber* [...].

3. Del mismo modo se usaba en lo antiguo como compuesto el pretérito imperfecto de subjuntivo en su segunda terminacion *ria*, quando despues del infinitivo del verbo personal seguia inmediatamente pronombre: y así era cláusula final y comun en Privilegios y Escrituras: *pecharme hia*, *pecharmeia*, por me pecharia [...] (*GRAE*, 1796: 137-139).

#### 4.2. Concordância

Neste campo, sobressai a consideração dos pronomes possessivos quanto à sua variabilidade.

<p>Creia V. M.<sup>cc</sup> de meo affecto, que desejo servi-lo, e a todos os da sua familia em tudo o que puder como verá, se as occasioens se offerecerem. (Moura, 1821: 74)</p>	<p><i>Crea V. M.<sup>de</sup> de mi afeto, que deseo servirle en quanto pudiere, y a todos los de su familia, como verá, si las ocasiones se ofrecen.</i> (Moura, 1821: 74)</p>
<p>Sou eu por ventura seo criado? (Moura, 1821: 77)</p>	<p><i>Acaso soy yo su creado?</i> (Moura, 1821: 77)</p>

Ao tratar dos mesmos no apartado próprio que lhes dedica nas *Taboas*, Moura distingue entre formas com variação de género e formas que não apresentam esse traço, segundo o seu posicionamento face ao substantivo a que se reportam.

Na *Lingua Hespanhola* diz-se *Mi*, *Tu*, *Su*, *Mis*, *Tus*, *Sus*, quando estes adjectivos vem antes dos substantivos, v.g. *Mi padre*, *Mi madre*, *Tu padre*, *Tu madre*, *Su padre*, *Su madre*, *Mis padres*, *Mis madres*, etc. Pelo contrario se

diz: Padre mio, Madre mia, etc., quando o substantivo vem primeiro (Moura, 1821: 18).

Os adjectivos, de qualquer especie que sejam, concordão com seus substantivos em genero, numero e caso. Exemplo: O amigo certo descobre-se na occasião incerta; *amicus certus in re incerta cernitur*. Tracta-se o teu negocio; *Res tua ágitur*. Caesar morreo; *Caesar mórtuus est* (Moura, 1829: 146).

A inclusão, nesta passagem, dos pronomes possessivos entre os adjectivos, pese embora o desvio de perspectiva, merece um comentário já que ilustra que, se no que se refere ao comportamento sintáctico dos pronomes – pessoais ou possessivos –, Moura não se afasta do que em termos gerais definem quer a gramática portuguesa, quer a espanhola, no que se refere, contudo, à sua consideração enquanto partes da oração, o autor assume uma posição que, não sendo até então generalizada, permite situá-lo face ao contexto gramaticográfico considerado. Com efeito, se bem que nas *Taboas* o autor proceda a um tratamento autónomo dos pronomes pessoais e dos pronomes possessivos nos parágrafos 10 e 12 respectivamente, no parágrafo 5, inclui exemplos de ambas as estruturas entre os que apresenta da variação das terminações dos adjectivos (Moura, 1821: 11;15-18). Recorrendo à sua *Grammatica*, confirma-se na passagem acima transcrita, o que nesse ponto se indicia: a inclusão dos pronomes entre os adjectivos, à semelhança do que fazem, por exemplo, a RAE, Calleja e António José dos Reis Lobato, apontando, neste aspecto, para certa influência das teorias racionalistas francesas, que apenas consideram os pessoais como categoria pronominal.<sup>12</sup>

Pronombres posesivos son aquellos que significan posesion ó pertenencia de alguna cosa ó persona, como *mio, tuyo, suyo*. Son adjetivos, y tienen terminacion masculina, femenina y neutra (*GRAE*, 1796: 78).

Los gramáticos los dividen en varias clases, que son *personales, demostrativos, posesivos y relativos*, y aun hay algunos que añaden: *indefinidos, admirativos, interrogativos* &a.; pero creemos que no deben considerarse como pronombres mas que los personales, por que ellos solos son los que reemplazan á los nombres, los otros no son mas que unos adjetivos, pues que tienen solo la propiedad de calificar á los nombres con quien se juntan (Calleja, 1818: 16).

Divide-se o Pronome em varias especies, que são: *Demonstrativo, Reciproco, Possessivo, Relativo, e Interrogativo*.[...] Todos são adjectivos, tirando *Eu, Tu, Si*, que a opinião commua dos Grammaticos julga Substantivos (Lobato, 1807: 33).

<sup>12</sup> Sobre a restrição desta categoria aos pronomes pessoais e à identificação desse princípio com um traço de modernidade, cf. Escavy (2002: 26). Mourelle de Lema (2002[1968]: 289-290) e Gómez Ascencio (1987: 176) referem, a este respeito, a influência em Calleja de Destutt de Tracy.

### 4.3. Regência

Finalmente, no que se refere à regência, destacam-se nos exemplos das *Taboas* as situações de discrepância entre as duas línguas relativamente ao uso do futuro do conjuntivo junto de conjunções temporais e condicionais.

#### a) Soluções divergentes

Condicionais	
Se puder servir a V. M. <sup>ce</sup> em alguma coisa, fal-o-hei com muito gosto. (Moura, 1821: 74)	<i>Si puedo servir a V. M.<sup>de</sup> en algo, lo haré con mucho gusto.</i> (Moura, 1821: 74)
Depois de casada, não me peças nada; porque se me pedires alguma coisa, não ta darei, e se me importunares com cartas, não te responderei. (Moura, 1821: 74)	<i>Despues de casada, no me pidas nada, porque si me pides algo, no te lo daré, y si me importunas con cartas, no te responderé.</i> (Moura, 1821: p. 74)
Se te metteres com os bons, serás um delles. (Moura, 1821: 77)	<i>Como frecuentes los buenos, seras uno de ellos.</i> (Moura, 1821: 77)
Temporais	
Quando V. S. voltar aqui, conseguirá um emprego. (Moura, 1821: 74)	<i>Quando V. S. buelva, conseguirá un empleo.</i> (Moura, 1821: 74)

#### b) Soluções convergentes

Condicionais	
Vem cá, se podéres. (Moura, 1821: 73)	<i>Ven aca, si pudieres.</i> (Moura, 1821: 73)
Temporais	
Quando tiveres tempo. (Moura, 1821: 73)	<i>Quando tengas ou tuvieres tiempo.</i> (Moura, 1821: 73)

Embora as gramáticas do Espanhol consultadas façam referência ao paradigma do futuro do conjuntivo e embora os exemplos de Moura até admitam o seu emprego, indicando oscilação na solução adoptada em Espanhol em contextos oracionais idênticos, o desequilíbrio encontrado entre a frequência das situações de convergência e

divergência de resultados – desequilíbrio esse que se procurou reflectir na selecção realizada – aponta para a estabilização de um facto linguístico que, na actualidade, faz fronteira entre os dois sistemas e que conduziu, no Espanhol, à fossilização do futuro do conjuntivo em estruturas lexicalizadas muito precisas ou registos muito concretos, substituindo-o nos contextos em estudo pelo presente do conjuntivo ou do indicativo.

## 6. Nota conclusiva

Após este percurso, marcadamente selectivo, por alguns dos temas suscitados pela análise dos exemplos da língua espanhola, observa-se que também os aspectos omissos se destacam no confronto realizado. Dado o carácter não exaustivo deste trabalho e dadas as restrições de espaço, ficaram por tratar os exemplos que incidem sobre as estruturas de passiva e as estruturas de impessoalidade, ou o regime preposicional, entre outros temas. Não obstante essa limitação a ter em conta e que merecia ser suprida com outros trabalhos, há também factos linguísticos que não alcançam nas *Taboas* o devido relevo, como são, entre outros, o infinitivo flexionado, a concordância com o artigo neutro, os fenómenos de apócope ou os processos de focalização. Terá sido necessário aguardar por posteriores estudos contrastivos, como o que leva a cabo Nicolau Peixoto na sua já referida *Grammatica hespanhola*, para que estes alcançassem suficiente visibilidade.

Embora com esta consciência do desnível existente entre os trabalhos de Moura e os de Peixoto e os de outros que se lhe seguiram, procurou-se aqui justificar a relevância das *Taboas*, não só pelo que acerca do seu carácter pioneiro já ficou registado, mas, sobretudo, explicitando o seu contributo em termos de teoria gramatical e situando-o face à produção gramaticográfica ibérica tanto coeva como precedente. Nesse sentido, importa neste momento sublinhar, por um lado, o afastamento de Moura relativamente à postura tradicional no que se refere ao conceito de *sintaxe* enquanto distinto do de *construção*, e, por outro, a sintonia generalizada com a teoria sintáctica exposta na *GRAE* na sua edição de 1796 – uma proximidade que se torna particularmente significativa se associada ao facto de, não denunciando a sua procedência, Moura recolher exemplos que figuram nessa obra, cuja referência omite entre outras obras também da *RAE* por si aconselhadas como material complementar.

Por esta articulação que faz das referências gramaticográficas do seu tempo e pelos traços de modernidade que apresenta, o texto de José Vicente Gomes de Moura reveste-se de elevado valor para o estudo da historiografia gramatical espanhola em contexto português.

## Referências

- Álvarez, Eloísa (2005) Decadencia de la lengua española, primeras gramáticas para luso-hablantes y comienzos de la enseñanza de esta literatura en la Universidad de Coimbra. In. Luís Filipe Teixeira, Maria José Salema e Ana Clara Santos (orgs.) *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República. Actas do II Colóquio da A.P.H.E.L.L.E.* Coimbra: A.P.H.E.L.L.E., pp. 39-56.

- Barbosa, Jerónimo Soares (1807) *As duas linguas, ou grammatica philosophica da lingua portugueza comparada com a Latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.
- Calleja, Juan Manuel (1818) *Elementos de Gramática Castellana*. Bilbao: Don Pedro Antonio de Apraiz. (documento electrónico: compilado por José Jesús Gómez Asencio (2001) *Antiguas Gramáticas del Castellano*. Serie VIII, Vol. 1, Col. Clásicos Tavera, Mapfre Mutualidad e Fundación Histórica Tavera).
- Escavy, Ricardo. (2002) Aspectos de la aportación hispánica a la teoría general del pronombre. In *Ideas lingüísticas hispánicas: de San Isidoro a Ortega*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 21-36.
- Gómez Asencio, José Jesús (1981) *Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Lobato António José dos Reis (1807 [1770]) *Arte da Grammatica da lingua Portugueza composta e offerecida ao Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello*. (8.<sup>a</sup> impressão) Lisboa: Imprensa Regia.
- Moura, José Vicente Gomes de (1821) *Taboas de Declinação e Conjugação para aprender as Linguas Hespanhola, Italiana e Francesa comparando-as com a Portugueza*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Moura, José Vicente Gomes de (1829) *Compendio de grammatica latina e portugueza: aprovado pela resolução de sua Magestade, de 23 de Janeiro de 1829*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.
- Mourelle de Lema, Manuel (2002 [1968]) *La teoría lingüística en la España del siglo XIX*. Madrid: Grugalma Ediciones.
- Ponce de León, Rogelio (2005) Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia. In: M<sup>a</sup> Auxiliadora Castillo Carballo, Olga Cruz Moya, Juan Manuel García Platero e Juan Pablo Mora Gutiérrez (coords.) *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad*. Sevilla, 22-25 de septiembre de 2004. Sevilla: Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones, pp. 675-682.
- Ponce de León, Rogelio (no prelo) Notas sobre la presencia de la gramática y de los gramáticos españoles en la gramaticografía portuguesa (siglos XVI-XVIII). In *Romanistik in Geschichte und Gegenwart* 12 (2).
- Ponce de León, Rogelio & Sónia Duarte (no prelo) O contributo da obra lexicográfica de Bluteau para a história do ensino do Português como língua estrangeira: o *Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa*. *Revista da Faculdade de Letras. Série "Linguas e Literaturas"* 22.
- Real Academia Española (1796 [1771]) *Gramática de la Lengua Castellana Compuesta por la Real Academia Española*. (4.<sup>a</sup> edición corregida y aumentada) Madrid: Impresora de la Real Academia.
- Sánchez Pérez, Aquilino. (1992) *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*. Madrid: Sociedad General Española de Librería (Col. Historiografía de la lingüística española).
- Silva, Inocêncio Francisco da (2001 [1858-1923]) *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, t. V, p. 153 [suporte electrónico].
- Sousa, Manuel Dias de (1804) *Grammatica Portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres grammaticos conhecidos. assim nacionaes como estrangeiros para facilitar á mocidade Portugueza o estudo de lêr e escrevêr a sua propria lingua, e a inteligencia das outras em que se quizer instruir*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.